

ÉLISÉE RECLUS: A GEOGRAFIA POLÍTICA A SERVIÇO DOS EXPLORADOS

Renan Fernando de Castro – UNIFAL – MG

renan_fernando@ig.com.br

Flamarion Dutra Alves - UNIFAL – MG

dutrasm@yahoo.com.br

RESUMO

O geógrafo e anarquista francês Élisée Reclus (1830-1905) em sua extensa obra tratou de diversas temáticas dentro do conhecimento geográfico e político. Durante décadas seus livros e publicações foram deixados no esquecimento, fator esse facilmente compreendido quando se analisa suas obras que sempre privilegiou os explorados na luta de classes. Na “contra mão” da geografia política clássica, que tem como principal nome o alemão Friedrich Ratzel, temos Élisée Reclus que idealiza o mundo e territórios sem Estado, sem fronteiras, o que o levará à uma visão radicalmente antagônica a da maioria dos autores clássicos e contemporâneos que estudaram a geografia política e possibilitará uma visão diferente da escola predominante e rica em novas perspectivas e indagações a respeito da sociedade, Estado, classes sociais, ou seja, a geografia política.

Palavras-Chaves: Anarquismo; Élisée Reclus; Geografia Política.

Obejeto de análise

Partindo da perspectiva que a ciência geográfica e suas ramificações devam estar a serviço dos interesses da grande massa de trabalhadores do mundo e que a geografia política pode contribuir para o avanço da sociedade, como bem escreveu o geógrafo francês Yves Lacoste, no qual propõe um novo direcionamento da geografia política para questões sociais; esse trabalho se propõe a analisar a obra de Élisée Reclus e seu teor político. Portanto os apontamentos de Reclus, pouco conhecidos, a respeito da geografia política será objeto de análise.

Objetivos

Evidenciar as contribuições teóricas e práticas do geógrafo francês Élisée Reclus no campo da geografia política, a partir do estudo da sociedade, Estado e luta de classes.

Mostrar o papel que a geografia política pode contribuir a partir de uma análise crítica e de classe.

Referencial teórico

A Alemanha no século XIX foi o centro e maior referência na produção do conhecimento geográfico, a partir da sistematização da geografia iniciada por Alexander Von Humboldt e Karl Ritter e seu reconhecimento como ciência ganhando espaço no meio acadêmico.

Portanto, foi desse país que vieram as maiores contribuições à sistematização do pensamento geográfico. Isto não quer dizer que inexistam geógrafos importantes em outros países. Basta pensar no citado Élisée Reclus, na França. Entretanto o eixo da discussão geográfica continua na Alemanha durante todo o século XIX (MORAES, 2005, p. 64)

Ainda na Alemanha, outro autor que conquistou grande destaque na tarefa de sistematizar o conhecimento geográfico e introduzir novos debates foi sem dúvida Friedrich Ratzel. Nesse sentido, é inegável a importância dele e do conjunto de sua obra, especialmente “*Geografia Política*”, de 1897, cuja segunda edição (1902) apareceu com o subtítulo de “Uma geografia dos Estados, do comércio e da guerra”. (COSTA, 2008, p. 31).

Ratzel surge em um contexto histórico onde a Alemanha passava por um momento delicado em relação a seus vizinhos, principalmente as potências europeias da época, França e Inglaterra. Uma nação onde não havia uma unidade nacional e que também não possuía colônias, fator esse de grande relevância econômica e política, necessitava de uma teoria, formulações que viessem de encontro com essa urgente necessidade do Estado alemão.

Este eixo é o vínculo estreito entre o Estado e o solo – que pode ser compreendido como o território construído por uma sociedade através da

sua história; o enraizamento da sociedade e do Estado ao solo, que se torna o continente de signos e símbolos socialmente construídos e valorizados como patrimônio comum de um povo. Este foi o eixo em torno do qual se estruturou a geografia política ratzeliana (CASTRO, 2005, p. 68).

A geografia de Ratzel legitimava a ação imperialista do Estado Bismarkiano. Era mister para a França, combatê-la. (MORAES, 2005, p. 77). A partir das formulações de Paul Vidal de La Blache (1845-1918) nas últimas décadas do século XIX o eixo da produção do conhecimento geográfico será transferido para a França. A escola francesa deve seu desenvolvimento a La Blache e ao grupo de brilhantes universitários que este induz e dirige (CLAVAL, 2006, p. 89).

Diversas foram às críticas de La Blache as obras de Ratzel, como a vinculação da política a ciência geográfica, o determinismo, criticou a minimização da influência do homem em relação à natureza, etc. A partir de um dos pilares conceituais de La Blache, gênero de vida, ele irá justificar o colonialismo francês, dizendo que era necessário a ocupação de um país desenvolvido tecnologicamente, culturalmente, em um país pouco desenvolvido para que o contato entre essas nações levasse o “progresso” a o país atrasado.

É simples entender a grande aceitação e peso da obra de La Blache na França e posteriormente no mundo, pois sua geografia serviu perfeitamente aos interesses do Estado francês e justificou a grande exploração exercida pela França a sua colônias, arrancando até quando foi possível as riquezas dos países subjugados.

É dentro da perspectiva da escola francesa, influenciado pelo possibilismo de La Blache e as convulsões sociais ocorridas na França durante todo o século XIX que surgirá o geógrafo e anarquista Élisée Reclus.

A análise de sua vida, indispensável à compreensão de sua obra, torna-se muito interessante pelo fato de não haver ele jamais separado a ação científica da ação política, podendo ser considerado o profissional-cidadão ou o geógrafo libertário. (ANDRADE, 1985, p. 11)

Reclus dividiu sua vida entre a militância política baseado no anarquismo e o estudo da geografia. De família humilde Reclus recebeu uma educação religiosa sendo expulso de algumas instituições que estudou. Foi aluno do grande geógrafo Karl Ritter (1779 -1859) no qual alguns autores afirmam ser o principal influenciador

de sua trajetória na ciência geográfica. Viajou por diversos países do globo, em alguns momentos por decisão própria e outras por pressões políticas. Colômbia, Irlanda, Estados Unidos da América, Suíça, Brasil, entre outros, foram países visitados por Reclus e que sem dúvida aumentou seu potencial e referências para futuras obras. Sobre o Brasil, inclusive ele publicou “Estados Unidos do Brasil”, que muito contribuiu para “desvendar” diversos temas de nosso território, nas áreas físicas (ambientais), políticas e sociais do Brasil.

Politicamente Reclus esteve ativo em grandes momentos da história francesa, como por exemplo, na comuna de Paris em 1871; ou ainda como candidato a uma vaga na Assembléia Nacional Francesa em 1870. Após a guerra franco-alemã e a derrota francesa, os parisienses se organizam em comunas para combater tanto os alemães quanto o novo governo francês, contudo a comuna é derrotada e Reclus é um dos diversos membros do levante preso.

No século XIX o comunismo e anarquismo disputavam espaço político na sociedade. Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) eram as principais referências do comunismo e Mikhail Bakunin (1814-1876) do anarquismo. Diversos foram os espaços de conflito entre essas duas visões no decorrer da história, contudo o marxismo obteve certa vantagem e influenciou várias gerações de intelectuais e esteve como base teórica de muitos processos concretos que houveram no mundo.

Colaborando com a o desenvolvimento da I Internacional, Reclus esteve sempre ao lado das posições anarquistas e conseqüentemente de Bakunin. Por sua vez Marx e Engels fizeram diversas e pesadas críticas a Reclus, fator esse comum em um período de grandes embates teóricos. Segundo carta de Marx a Bracke, em 20 de novembro de 1876, esse momento fica claro: “O que pensam os socialistas de língua francesa me desagrada profundamente. Eles são representados, bem entendido, pela triste figura dos irmãos Reclus, co-fundadores da aliança e profundamente desconhecidos por suas obras socialistas” (ANDRADE, 1985, p.16). E outra dura crítica que Engels faz em uma carta enviada para Liebknecht, de 31 de julho de 1877. “Élisée é um copião ordinário e nada mais” (ANDRADE, 1985, p.16).

Outro aspecto importante a ser analisado é o papel que as ciências de forma geral, mas nesse trabalho com destaque à geografia política, cumpriu para a propagação e consolidação da classe dominante do período. A geografia política e sua “demonizada” ramificação a geopolítica, como mostra Prates. Esta confusão aumentou no período compreendido entre 1924 e 1945, face à atuação do geógrafo e militar alemão Haushofer. Este como partidário de Adolf Hitler passou a desenvolver uma geopolítica a serviço do nazismo (PRATES, 1984, p.3) Para muitos a geopolítica serviu apenas como poderoso suporte de dominação dos Estados, burguesia e principalmente como instrumento para conflitos bélicos, tendo a Alemanha no período onde Hitler comandou e realizou suas manobras militares pelo mundo como expressão máxima.

A partir do fim do século XIX, desde que existe na França uma corporação de geógrafos universitários, esta se caracteriza por sua preocupação em afastar os raciocínios geopolíticos que haviam sido, em larga medida, durante séculos, a razão de ser de uma geografia que não era ainda ensinada a estudantes, futuros professores, mas a homens de guerra e a grandes funcionários de Estado. (LACOSTE, 2006, p.127).

Portanto na maioria das vezes, como ocorre nas demais ciências, a geografia serviu para a classe dominante e os interesses do Estado, que atualmente se expressa principalmente no controle que os grandes bancos e empresas multinacionais exercem em todas as faces da vida social.

Na realidade o Estado e os desdobramentos do seu aparato institucional e o papel destes no ordenamento territorial e social foram obscurecidos na geografia pela perspectiva reducionista do determinismo estrutural comandado pelas relações capitalistas de produção. (CASTRO, 2005, p.108).

Apesar de Reclus ter observado o Homem e a Natureza a partir de métodos tradicionais e demasiadamente descritivos, seu caráter de classe o diferenciou profundamente dos demais geógrafos do período, quando tratou da abolição das fronteiras políticas impostas pelos Estados em intermináveis conflitos, muitos intelectuais o criticaram.

Quantas vezes não se celebrou os dias futuros em que desapareceriam as fronteiras, mas elas não deixavam de existir, até o dia em trabalhadores ingleses, franceses, alemães, esquecendo as diferenças de origem e

entendendo-se uns com os outros, apesar da diversidade da diversidade da linguagem , reuniram-se para formar uma –única e mesma nação, a despeito de todos os respectivos governos. (RECLUS, 2011, p.50)

Contudo, foi como geógrafo que Reclus depositou a maior parte de seus esforços. Com uma vasta obra discorreu sobre diversos temas e contribuiu com a consolidação da geografia. Isso de tal modo que muitos autores contemporâneos têm sofrido influência de suas ideias. No que diz respeito à relação entre o homem e a natureza suas análises tiveram influência dos métodos usados pela da Escola Tradicional. Entretanto, sua preocupação com as desigualdades sociais tanto na França quanto no resto do mundo o distinguiu dos demais autores tradicionais da época, principalmente Vidal La Blache.

Na atualidade o pensamento reclusiano é pouco explorado e utilizado nas universidades. Diversos são os motivos para que houvesse esse “esquecimento” de suas obras, entre eles está o teor de sua obra que irá em diversos momentos se chocar com os interesses da classe dominante, o que sem dúvida serviu de motivação para o anulação de sua obras. O anarquismo no debate teórico com os comunistas sempre levaram desvantagens na maioria dos países, principalmente após as obras de Karl Marx, levando a grande maioria das pessoas que desejavam a transformação radical da sociedade seguir os paradigmas marxistas. Em um terceiro elemento será a grande influência de outro intelectual Francês, Vidal La Blache que se consolidou como a escola geográfica dominante no período, principalmente no fim do século XIX, ofuscando os demais geógrafos da época.

Dessa forma, o que gerou efetivamente a negligência da geografia de Reclus, diante de seus contemporâneos, não fora a insuficiência teórica de seu pensamento, ao contrario, era uma geografia que mesclava eruditismo, vinculado a filosofias antecedentes, e por sua vez, era uma geografia voltada para o presente, alinhada a mais recente teoria social crítica, direcionada à construção de uma sociedade igualitária, moderna e humana. (PINTO, 2011, p. 5).

Sua obra foi acusada por La Blache de descritiva e sobrecarregada de noções políticas e sociais (PINTO, 2011, p. 5). Portanto, foram vários motivos que resultaram no esquecimento das obras de Élisée Reclus.

Reclus é sem dúvida um autor que trouxe contribuições significativas e importantes para o conhecimento geográfico.

Nesse sentido seu discurso é inovador, porque não vê apenas a relação homem e meio, ma também as relações entre os homens como fato importante no entendimento de sua geografia. Reclus é considerado por Yves Lacoste o geógrafo Francês mais importante e o primeiro geopolítico. Dmitry Nikolayevich Anuchin defende que Reclus forjou o conceito do meio ambiente geográfico. (DASCANIO, 2011, p.8)

Podemos perceber com certa facilidade, a partir da leitura e análise das obras de Reclus e de autores que estudaram suas publicações que diversas áreas da geografia têm grande influência de Reclus sendo que algumas ele foi de fato pioneiro.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa se encontra em desenvolvimento acerca do pensamento de Élisée Reclus nos estudos de geografia política, mas pode-se fazer algumas constatações após os levantamentos preliminares através da abordagem exploratório-bibliográfica utilizada. A análise de diversos livros, anais de evento, revistas, artigos e obras de Élisée Reclus e de autores da geografia crítica permitiu uma aproximação do autor com a temática política.

Dessa forma, os materiais a serem consultados neste levantamento preliminar podem ser observados no quadro 1.

Quadro 1 – Material bibliográfico sobre o pensamento de Élisée Reclus.

LIVROS DE ÉLISÉE RECLUS	<ul style="list-style-type: none"> - <i>O homem e a terra: Progresso</i> – 2011 - <i>O homem e a terra: Educação</i> - 2011 - <i>O homem e a terra: A indústria e o comércio</i> – 2011
LIVROS DE HISTÓRIA DA GEOGRAFIA	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Imperialismo e Fragmentação do Espaço</i> – 2002 - <i>Élisée Reclus</i> - 1985 - <i>Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica</i> – 2006 - <i>História da Geografia</i> – 2006 - <i>Geografia, Pequena História Crítica</i> – 2005
Anais do Colóquio Internacional Élisée Reclus (2011)	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Geografia anarquista e anarquismo geográfico, geografia libertária e libertarismo geográfico: a excentricidade e a atualidade do pensamento de Élisée Reclus.</i> - <i>Reclus e o estudo das cidades, um discurso geográfico inovador.</i> - <i>A nova geopolítica Americana: Um olhar</i>

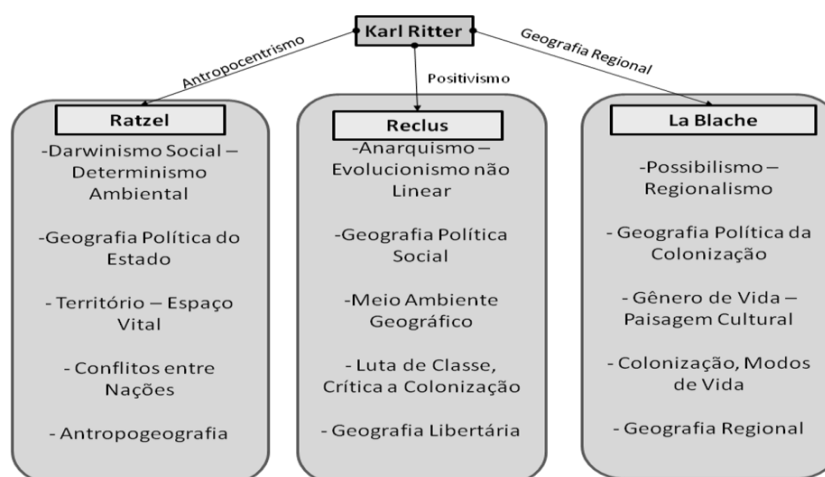
	<p><i>reclusiano para o Brasil</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Élisée Reclus e a geografia da barbárie.</i> - <i>Élisée Reclus: A atualidade do pensamento de um geógrafo anarquista do século XIX e a sua contribuição para a construção de uma geografia libertária para o século XXI.</i>
Anais do III Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico (2012)	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Mística da liberdade no pensamento geográfico de Élisée Reclus e Piotr Kropotkin: tônica anarquista da história heterodoxa da geografia ortodoxa.</i> - <i>Do sentimento da natureza nas sociedades modernas: uma reflexão analítica da leitura do discurso de Élisée reclus.</i>
LIVROS ANARQUISMO	<p>SOBRE</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Anarquia pela educação – Plínio Coelho 2011</i> - <i>Campos, fabricas y talleres – P. Kropotkin 1978</i>

Organização: Renan Fernando de Castro.

Com estes materiais bibliográficos foi possível compreender e interpretar os temas pesquisados por Reclus no que tange a geografia política, como Luta de Classe, Estado, Sociedade, Colonização, Progresso Técnico e Desigualdade Social.

Resultados

Devido à influência dos pensadores do século XIX, especialmente Karl Ritter, Reclus como um bom anarquista, criticou e se posicionou contrário a algumas teorias e posturas metodológicas da geografia Clássica, como Ratzel e La Blache (Figura 1)



Organização: Flamarion Dutra Alves e Renan Fernando Castro

Figura 1 – Síntese das influências teórico-metodológicas de Ritter, à Ratzel, La Blache e no pensamento de Élisée Reclus.

Uma recorrente associação de Reclus com o marxismo é errônea, a semelhança se deve a ambos estarem ligados ao Partido Comunista, entretanto, essa semelhança para por ai, pois Reclus considerava Marx e Engels presentes no Comunismo Autoritário, enquanto que Reclus se denominava um Comunista Libertário.

Exatamente por seu caráter libertário, Reclus elaborou suas obras com um teor, de certa forma, desconhecido por outros geógrafos. Estado, sociedade, natureza, território e outros objetos de análise da geografia, serão tratados por uma ótica diferente.

Entretanto, do ponto de vista especialmente geográfico, é importante saber como as formas políticas das sociedades correspondem normalmente às diversas formas terrestres na evolução da humanidade; pode-se estabelecer a este respeito regras gerais, que prevaleceram enquanto a constituição de grandes Estados centralizadores – que dispunham de formidáveis meios de coerção – não suprimisse os contrastes originários. (RECLUS, 1985, p. 70).

Para Reclus, o Estado nada mais era que um agente de coerção da classe dominada. A ele cabia à tarefa de intermediar as relações, explorados, exploradores, pesando sempre positivamente para o lado dos detentores do poder econômico. Historicamente esse fator é observado com grande frequência e clareza. Em conflitos sociais em diversos momentos históricos o Estado interveio para garantir os “direitos” da burguesia, ou outra nomenclatura que se use para a classe dominante do período. Muitas vezes apelando para um de seus braços fundamentais, as forças armadas.

Os anarquistas proclamam, apoiando-se na observação, que o Estado e tudo qua a ele se liga não é uma pura entidade ou então alguma fórmula filosófica, mas um conjunto de indivíduos colocados em um meio especial e sofrendo sua influencia. Estes, elevados em honraria, em poder, em tratamento acima de seus concidadãos, são por isso mesmo forçados, por assim dizer, a se crerem superiores as pessoas comuns. (RECLUS, 2011, p.24).

A questão colonial foi outro assunto que Reclus abordou diversas vezes e disponibilizou boa parte de seu tempo para a questão. Inclusive o Brasil esteve em

sua análise, no que se diz respeito à colonização e sua abordagem sobre o tema é rico e pouco estudado pelos geógrafos do mundo.

Ainda não reconciliada com a população da ilha vizinha, a Grã-Bretanha esforça-se em formar uma só nação com suas “filhas”, as colônias esparsas no mundo, a potencia do Canadá, os Estados da África meridional e a Australásia. Os patriotas ambicionam a união de todos esses países numa federação estrita, constituindo uma “Bretanha maior”; esse tipo de nacionalidade que o mundo nunca viu teria, ao menos, a incontestável superioridade de assentar-se unicamente na livre participação das nações interessadas. (RECLUS, 1985, p. 109).

Diferentemente de La Blache, que considerava o contato de uma nação superior a uma inferior era necessário para haver o progresso, justificando assim a intensa exploração da França sobre suas colônias; Reclus observava na realidade das colônias que as coisas não funcionavam bem como La Blache proclamava ao mundo. Com uma linguagem simples e ao mesmo tempo com elevada eloquência, Reclus descrevia e criticava a situação de diversas colônias, como a Índia, Brasil, EUA, Canadá, entre outras; analisando, sobretudo, aspectos políticos, sociais, econômicos, culturais, etc.

Depois que acabou o regime colonial, o comércio brasileiro decerto cresceu dez vezes, porque, apesar dos embaraços opostos pelas tarifas aduaneiras, as permutas com o estrangeiro não são proibidas como o foram até 1808. Durante largo tempo uma companhia financeira possuiu o monopólio do trafico com o Brasil e dispôs de uma frota montada de artilheiros e soldados de infantaria. (RECLUS, 1985, p.187)

A indústria, que principalmente na sociedade capitalista ganhou papel de destaque, surge como uma força que move e altera diversas relações sociais, políticas e econômicas. Quanto a relações geográficas ela também cumpre papel de destaque. Com seu poder de influencia, as indústrias instaladas em determinados lugares criam uma teia de relações com as instituições políticas e sociais, podendo e frequentemente gerando novas configurações espaciais e relações de poder.

Reclus entendendo a importância das indústrias faz toda uma análise histórica de sua origem, dando destaque para a indústria moderna, e fazendo um paralelo com as questões políticas geográficas.

Todavia, o manufactureiro das primeiras renascenças, nas comuns e nas cidades livres, na Itália, na França, na Alemanha, em Flandres, já via

ampliar-se o horizonte ao seu redor; pela aquisição de matérias primas, ele podia aumentar indefinidamente os produtos de suas oficinas e expedi-los de mercado em mercado até o fim do mundo conhecido, pelo crédito ilimitado, ele dispunha da fortuna dos outros bem como da sua própria; comerciante não menos que industrial. (RECLUS, 2011, p.11)

Portanto, diversas foram as contribuições de Reclus à geografia, e também especificamente a assuntos que tangem a geografia política.

Sua atuação e concepção anarquista de mundo fez com que toda sua obra tivesse como objetivo final a superação da sociedade dividida em classes sociais, ou seja, desigual. Em alguns momentos, por motivos financeiros, Reclus publicou conteúdos mais amenos, menos críticos a sociedade, mas isso em nenhum momento prejudicou a amplitude de suas obras. Nesse sentido, o autor retrata as possíveis saídas dos comerciantes, artesãos e pequenos industriais na lógica do capitalismo que se consolidava no início do século XX:

É evidente que, na evolução contemporânea, o comercial individual com suas lojas, suas tendas de comércio, suas adegas, suas transações efetuadas em pequenas somas, está absolutamente condenado; sua transformação direta em um organismo normal da nova sociedade é impossível. Todos os pequenos lojistas dariam, portanto, uma prova de sagacidade histórica se eles dirigissem sua experiência, sua vontade, o conjunto de suas forças e de seus recursos para o socialismo reivindicador. (RECLUS, 2011, p.53)

É impossível analisar sua obra sem entender os fundamentos que norteiam teoricamente e metodologicamente o anarquismo. Toda a produção intelectual de Reclus ainda dentro da geografia clássica, apesar de não romper com os métodos tradicionais de análise da realidade geográfica (positivismo – naturalismo), consegue introduzir um pensamento crítico e inovador, graças a sua origem anarquista e interesse pelo político-social.

Na geografia política, Reclus não só decorreu sobre as diversas temáticas da área como rompeu com análise sempre ligada ao poder e aos grandes agentes econômicos. O que nos permite afirmar seu valor no assunto e relevância sobre o tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Manuel Correa. **Élisée Reclus**. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- CASTRO, Iná Elias. **Geografia e Política** – Território, escalas de ação e instituições. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2005.
- CLAVAL, Paul. **História da Geografia**. Lisboa: Edições 70, 2006..
- COSTA, Wanderley Messias. **Geografia Política e Geopolítica**. São Paulo: Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, 2008
- DESCANIO, Antonio Marcos. **Reclus e o estudo das cidades, um discurso geográfico inovador**. p. 1-12. In: Colóquio Internacional Élisée Reclus. **Anais...** São Paulo, 2011.
- LACOSTE, Yves. **A Geografia – Isso Serve, Em Primeiro Lugar Para Fazer A Guerra**. 12 ed. São Paulo: Editora Papirus, 2006.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia, Pequena História Crítica**. São Paulo: Editora Annablume, 2005..
- PINTO, José Vandério Cirqueira. **Geografia anarquista e anarquismo geográfico, geografia libertária e libertarismo geográfico: a excentricidade e a atualidade do pensamento de Élisée Reclus**. p. 1-20. In: Colóquio Internacional Élisée Reclus. **Anais...** São Paulo, 2011.
- PRATES, A.M.M. **Geo-história, geografia política e geopolítica - uma questão de sinonímia?** Revista de Ciências Humanas (UFSC). v.3, n.6, 1984. p.86-93.
- RECLUS, Élisée. **Anarquia Pela Educação**, São Paulo: Editora Hedra, 2011.
- RECLUS, Élisée, **O homem e a Terra, A Indústria e o Comércio**. São Paulo: Editora Expressão e Arte, 2011.
- RECLUS, Élisée, **A Origem da Família, do Estado e da Propriedade**, p.61-99. In: ANDRADE, Manuel Correa, Élisée Reclus. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- RECLUS, Élisée, **O Problema Colonial**, p.109-130. In: ANDRADE, Manuel Correa, Élisée Reclus. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- RECLUS, Élisée, **O Brasil nos Fins do Século XIX**, p.167-196. In: ANDRADE, Manuel Correa, Élisée Reclus. São Paulo: Editora Ática, 1985.